

## **SEXO DISCIPLINADO, MULHERES INQUIETAS: SOBRE A LUXÚRIA QUE SUBJUGA A PALAVRA**

Renata Maria Silva de Souza<sup>1</sup>; Rafael Venâncio<sup>2</sup>; Hermano de França Rodrigues<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal da Paraíba – renatasouza\_jc@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal da Paraíba – venacio92@live.com

<sup>3</sup>Universidade Federal da Paraíba – hermanorg@gmail.com

**Resumo:** *Os segredos do amor e de Vênus de Luisa Sigea*, escrito pelo francês Nicolas Churier, gira em torno do diálogo entre Túlia, uma mulher casada, e Otávia, sua jovem prima que se encontra às vésperas do casamento. A obra é considerada por alguns como um manual sexual e por outros, como uma valorização dos direitos das mulheres, em pleno séc. XVII, numa sociedade repressora. A ambiguidade nas concepções, embora faça parte da cartografia literária, talvez se explique pelo fato do patriarcado ter relegado ao feminino um lugar de passividade e submissão aos desejos do homem, supostamente, detentor de um poder simbólico que lhe conferia o direito de gozar livremente. Neste sentido, apesar das protagonistas se mostrarem bastante conservadoras no que tange a austeridade sexual imposta sobre seu gênero, não deixam de transgredi-la, na medida em que, dissimuladamente, encobrem seus adultérios, para que possam, por meio da luxúria, se (re)descobrir enquanto sujeitos desejados e desejantes. Por isso, nossa pesquisa, numa conexão entre a psicanálise de base (pós)freudiana e a literatura, com as contribuições sócio-filosóficas de BATAILLE (1987), pretende investigar, na narrativa em foco, a (in)disciplina do desejo ante uma sociedade que se constituiu pela inibição da libido feminina.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Desejo, Gozo

### **1. Introdução:**

Entre vários críticos a obra em análise, *Os Segredos do Amor e de Vênus de Luisa Sigea*, é posta no mesmo campo literário das obras de Aretino e de Sades devido a sua estilística e vivacidade erótica. Além disso, sob forma de um diálogo entre Túlia, uma mulher casada, e Otávia, sua jovem prima às vésperas do casamento, a obra tem um direcionamento oblíquo, ou seja, pode ser vista por dois vieses: um manual sexual, sem embaraço o autor traz a cena as práticas sexuais das personagens sem tabus – sem meias palavras. Um outro viés é a eclosão do direito das mulheres, numa época em que a repressão do feminino nos seus enlances sexuais e humanísticos estavam em ascensão, afinal, Churier, em sua escrita, descortina à plena fruição dos prazeres sexuais vivenciados pelas personagens.

A obra de Nicolas possui, como algumas obras semelhantes, características que marcam sua narratividade: em virtude de ser em forma de diálogo, a obra busca inculcar, segundo Krause (2007,

p.51), uma educação erótica. Esse estilo de narrar permite que se tenha frases elipsas para que se (sub)entenda o momento das relações sexuais e do posterior orgasmo.

A fim de entender sobre o tema da narrativa, é importante construir um caminho eficaz de compreensão acerca da sexualidade humana. Sendo assim, é necessário considerarmos as diferenças existente entre os instintos sexuais do homem com os dos animais. Conforme Bataille, ao comparar, de maneira analítica, o homem com o animal fica evidente que o erotismo é inerente ao humano, ou seja, os instintos sexuais que constitui o homem se sobrepõem à procriação, afinal, a indumentária erótica dependerá da consciência do homem.

Outrossim, segundo a psicanálise (pós)freudiana, a sexualidade é a decifração para a compreensão do comportamento e da psique humana. Diante disso, este artigo objetiva investigar e refletir, a sexualidade na obra *Os Segredos do Amor e de Vênus de Luisa Sigea*, sob o viés da psicanálise.

## **2. História da sexualidade: do interdito ao gozo**

A percepção do homem em relação ao mundo e a si mesmo eclodiu entre fins do século XIV e início do século XVI, ou seja, houve um rebentamento na consciência do homem a respeito das questões religiosas e humanísticas. Foucault, em seu livro *História da sexualidade: a vontade de saber*, descortina a imagem da moral vitoriana, uma sociedade cuja sexualidade era reprimida, e a família era o indivíduo que amordaçava a boca quando o assunto era sexo. A ferocidade dos puritanos gera interditos e mutilações na sexualidade humana.

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe o modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpas os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 2017, p. 8)

Devido à influência da Igreja a vida sexual se restringiu entre quatro paredes, ou seja, a vida sexual dos cristãos, só era permitida sob a supervisão da Igreja, por meio do matrimônio, uma maneira de controle. Sendo assim, tudo o que estava relacionado com o sexo, a não ser para procriação, passou a ser pecado. Embora, nos bastidores, a repressão sexual era uma quimera, em outras palavras, os interditos impostos pela igreja não condizia com a realidade oculta dos padres. Muitos homens colocavam cintos de castidade nas mulheres, o que as impedia de se relacionarem

com outras pessoas, outros extremistas utilizavam um lençol com um furo no meio no momento da cópula.

Por outro lado, no sombrio mundo dos puritanos, as relações sexuais gravitavam em dois eixos: as mulheres buscavam o gozo nos braços dos seus amantes, o clero – padres e freiras – tinham uma vida sexual licenciosa, conforme Krause, 2007.

Segundo Foucault, foi uma época em que o ato sexual se restringiu à sua função reprodutora e a família tradicional passa a ser o arquétipo. A atividade sexual que não se enquadrava nesses padrões era severamente subjugada e amordaçada. Contudo, é impossível manter aprisionada a sexualidade, e a sociedade burguesa, coagida, desvia as relações consideradas iníquas para os prostíbulo. “Por muito tempo, teríamos suportado um regime vitoriano e a ele nos sujeitaríamos ainda hoje. A pudicícia imperial figuraria no brasão de nossa sexualidade contida, muda, hipócrita” (FOUCAULT, 2017, p. 7).

A repressão se estende a literatura, porém não a silencia. Embora sujeitada, muitas vezes, pela censura e rotulada indecorosa e pecaminosa é contínuo nas publicações assuntos sobre sexo, além disso, existem várias ocorrências eróticas, de forma esporádica, em passagens que favorecem a progressão do enredo e do personagem. Mesmo diante de tantos interditos e censuras, encontramos em alguns clássicos da literatura mundial, escritas nessa época repressora, textos eróticos.

O século XVII rompe com esse cerceamento e tirania. A partir dessa quebra com o que é considerado pecaminoso e obscuro, muitos autores ganham destaques e suas obras assumem um viés pedagógico na árdua tarefa de transmitir informações para o leitor. Em outras palavras, os romances foram imprescindíveis para que os autores transmitissem seus ideais, conforme Marques (2009).

Apesar de várias transformações ocorridas no decurso dos séculos e surgidos estudos acerca da sexualidade, ela ainda é vista como um assunto complexo, tida como tabu, sendo objeto de repressão. Embora o erotismo e o sexo estejam associados à sociedade e a cultura humana desde o início dos tempos. Outrossim, o controle funciona como mecanismo de dupla intenção: prazer e poder, segundo Foucault.

Por conseguinte, o itinerário histórico é o meio pela qual podemos compreender as artes eróticas, afinal, elas são inerentes a sua época, além disso, possuem fortes traços das questões sociopolíticas. Em síntese, ao observar o trajeto histórico da sexualidade percebemos a sua influência no cenário sociocultural.

### 3. Sexo disciplinado: entre o jugo e a transgressão

Alternando entre a estilística clássica da língua e a linguagem coloquial, muito bem representada no diálogo entre as personagens, *Os segredos do Amor e de Vênus de Luisa Sigee*, descortina, sem nenhum pudor, um manual sexual, evidenciando os prazeres sexuais da mulher, em uma época em que a sociedade lhes negava qualquer direito.

**Túlia:** Fiquei muito contente, querida minha, por saber que vai casar-se com Caviceo. Na noite em que ele a fizer mulher, creia em mim, você sentirá o supremo prazer que existe, em seus braços. Por sua beleza divina, você merece que Vênus a favoreça!

[...]

**Túlia:** Seu pinto fica dessa grossura, quando fica com tesão; mesmo assim, agora seu gládio encaixa-se direitinho em minha bainha.

**Otávia:** Por mais que essa bainha seja fulminante e saia vencedora, deve acabar toda rasgada. Gostaria de vê-la (CHORIER, 2007, p. 17 e 38).

Outra marca que podemos perceber nesta narrativa é o fato que para as personagens as relações sexuais gravitavam em torno da penetração, além disso, valorizavam com grande afincamento o matrimônio, todavia, não abria mão do orgasmo, o prazer máximo.

[...] Meu amor; minha Vênus, murmurava Cálías, ‘como você me faz feliz! Sou o homem mais feliz do mundo! ‘Sinto... sinto que... ah, Cálías, o que é isso, que coisa é essa que estou sentindo?’

**Otávia:** Faço votos para que eu também possa ter com frequência tais séculos de voluptuosidade.

**Túlia:** Otávia, conheço sua mãe tão bem quanto conheço você. Passei por sua lascívia como você passou pela minha. Saiba que esses capítulos sobre a instituição conjugal deduzi de seus costumes e de seus conselhos. Quando eu estava para casar, disse-me: “Eleve seu marido, que é mortal, à categoria de imortal. Toda mulher de bom coração deve convencer-se que foi criada para os prazeres do seu marido, e que os demais homens foram criados para o dela (CHORIER, 2007, p. 57, 61, 93)

A metáfora é acentuada tanto para descrever as relações sexuais, como para nomear os órgãos da genitália masculina e feminina.

**Túlia:** Então, entregue-me seu jardimzinho, deixe que eu seja sua dona, ainda que uma dona impotente, pois, infelizmente, não tenho nem chave para abri-lo, nem martelo para golpear sua porta, nem pés para nele penetrar.

[...]

Ela também estava deitada; nesse momento, com beijos, toques e cocegas, excitou seu pinto para o combate; este tardou em despertar, sair de sua concha e precipitar-se na de Semprônia.

[...]

Em apenas uma hora três vezes Jocondo perfurou-a e encerrou-lhe vigorosamente sua espada, e três vezes despejou em sua bacia uma chuva caudalosa (CHORIER, 2007, p. 29, 99, 100).

Por trás do véu as personagens, sem nenhum pudor, se entregam as suas paixões: “[...] Em público, viva para o mundo; em sua vida privada, e em segredo, viva para você mesma; cubra sua vida como véu da decência” (p. 92). Assim viviam com total liberdade e diversidade suas pulsões sexuais. No texto intitulado *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905, p. 6, 45) diz que:

[...] a pulsão sexual tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades – homem e mulher – que aspiram a unir-se de novo no amor. Por isso causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual. Diz-se dessas pessoas que são ‘de sexo contrário’, ou melhor, ‘invertidas’, e chama-se o fato de *inversão* (grifo do autor).

Em certos momentos na narrativa percebemos os personagens deslocar seu desejo para a pessoa do mesmo sexo, em outras palavras, “seu objeto sexual tanto pode pertencer ao mesmo sexo quanto ao outro sexo; falta à inversão, portanto, caráter de exclusividade”(Freud, 1905, p.23)

[...] Não se espante, portanto, que uma virgem sinta atração por outra virgem. Os mais ilustres dos heróis de antanho alimentaram sua luxúria com seu próprio sexo. **Túlia:** Minha terna, minha encantadora, minha divina Cipris, não fiz nada que atentasse contra sua integridade, que me ajudasse a arrombar esta portinha, que colhesse a flor da sua virgindade (CHORIER, 2007, p.31-32).

Além dessa variedade de parceiros, na busca pelo prazer, praticavam à masturbação com o pênis artificial e outros instrumentos.

**Túlia:** As miletianas fabricavam uns membros de couro, com 20 centímetros de comprimento e de grossura proporcional. Aristófanes diz que na sua época as mulheres tinham o hábito de se servir deles. Ainda hoje, entre as italianas, as espanholas, sobretudo, e mesmo entre as asiáticas, de nosso sexo, esse instrumento ocupa um lugar de honra entre os apetrechos íntimos femininos; é o utensílio mais precioso, e custa muito caro (CHORIER, 2007, p. 32).

Para os puritanos da época uma aberração, porém, a psicanálise freudiana descreve como práticas normais.

O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual. São essas as condições gerais para que meras variações da pulsão se transformem em aberrações patológicas (Freud, 1905, p. 13/45).

Outra prática considerada execrável para a sociedade vitoriana é o sadismo.

**Otávia:** Não, minha promessa não foi levada pelo vento. Mas a dor converteu-me em estimulante de intensa luxúria e em suplemento de inefável voluptuosidade, que não deploro de forma alguma.

**Túlia:** Assim como a voluptuosidade é vizinha da dor, a dor é vizinha da voluptuosidade (CHORIER, 2007, p.114).

Todavia,

O conceito de sadismo oscila, na linguagem corriqueira, desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta para com o objeto sexual até uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus tratos a ele infligidos. (...) o sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividades e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual. (Freud, 1905, p. 1545)

#### 4. Conclusões

As repressões ocorridas do decurso dos séculos acerca da sexualidade, seus interditos, seus tabus, serviram como uma mola propulsora para que os instintos sexuais dos homens eclodissem nas artes eróticas/pornográficas. Para Bataille, essa inclusão do erotismo na cultura é a marca que difere o homem do animal. Por meio dos estudos freudianos acerca da sexualidade é possível compreender que a sexualidade é inerente ao homem, ou seja, nossas ações são realizadas através das nossas pulsões sexuais. Além disso, as práticas sexuais não devem ser rotuladas nem niveladas, uma vez que o desejo é plástico. *Os segredos do Amor e de Vênus de Luisa Sigea*, descortina, através do diálogo, nossas pulsões sexuais, o quanto ela é plástica, constante e arrebatadora. Os interditos morais e ideológicos acerca da sexualidade são devastadores, porém, o homem sempre encontrará um meio para transgredir, afinal, seu desejo é pulsante.

## **Referências Bibliográficas:**

ABREU, Nuno C. Especulações: ver o que dizem. In: **O olhar pornô**: a representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CHORIER, Nicolas. **Os segredos do amor de Vênus de Luísa Sigea**. Tradução: J. M. Bertolote. São Paulo: Editora Degustar, 2007.

GARTON, Stephen. **História da sexualidade**: da Antiguidade à revolução sexual. Lisboa: Editora Estampa, 2009.

KRAUSE, R. S. **Erotismo**: cultura libertina. Tradução: José Carlos Teixeira. Lisboa: Editorial Estampa, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RODRIGUES, Hermano de F. **Com tabu é mais gostoso**. Grandes Temas do Conhecimento: Psicologia . n.6. p. 10-16, 2015.

SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In: SONTAG, Susan. **A vontade radical**: estilos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.